

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

09 – Purificação – a Inteligência e a Vontade (I)

20.06.21

(Parte IV – Capítulo VII)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2022

1

Para purificar a *buddhi* devemos primeiro entender sua composição, que é bastante complexa.

E, primeiro, devemos tornar clara a distinção
– desconhecida da linguagem comum –
entre *manas*, a mente,
e *buddhi*, a inteligência discriminadora e a vontade esclarecida.

Manas é a mente sensorial.

A mentalidade primeira do ser humano não é,
de nenhum modo, uma coisa de razão e de vontade,
ela é uma mentalidade animal, física ou sensorial,
que constrói toda sua experiência a partir das impressões gravadas nela
pelo mundo externo e por sua própria consciência encarnada
que responde aos estímulos exteriores desse tipo de experiência.

2

• Corpo Grosseiro		órgãos físicos e força nervosa de vida (prana físico)	
• Mentalidade Consciente (antahkarana)	citta	consciência mental básica	permeada pelo prana psíquico
	manas	mente sensorial	criando a alma-de-desejo sensorial
	buddhi	inteligência	potencializados
	ahankara	a ego-idéia	pela força-vida
• Supramente		meio apropriado e assento nativo da perfeição	

A *buddhi* aparece apenas como um poder secundário,
que, na evolução, assumiu o primeiro lugar,
mas depende ainda do instrumento inferior do qual se serve:

suas operações dependem da mente sensorial,
e a *buddhi* faz o que pode,
em seu espaço superior próprio,
para expandir,
não sem dificuldades, complicações e tropeços,
seu conhecimento e sua ação
a partir da base física ou sensorial.

Uma mentalidade física sensorial
ou semiesclarecida
é o tipo normal da mente humana.

De fato, *manas* é um desenvolvimento da *citta* externa;
é a primeira organização da substância rudimentar da consciência,
quando ela é estimulada e despertada pelos contatos externos, *bahya-sparsa*.

Fisicamente, somos uma alma adormecida na matéria,
que, pela evolução,
chegou a um estado parcial de vigília
em um corpo vivo
impregnado da substância bruta
de uma consciência externa
mais ou menos sensível e atenta aos impactos do mundo externo
no qual se desenvolve nosso ser consciente.

No animal, essa substância de consciência exteriorizada
se organiza para formar um sentido mental bem regulado,
ou órgão mental de percepção e de ação.

5





O contato mental da consciência encarnada com seu meio,
se faz, de fato, através dos sentidos.

Esse contato é, em essência, sempre um fenômeno mental;
mas, na verdade, o mental depende sobretudo
do desenvolvimento de certos órgãos físicos
de contato com objetos e com suas propriedades,
a cujas imagens ele é capaz, por hábito, de atribuir valores mentais.

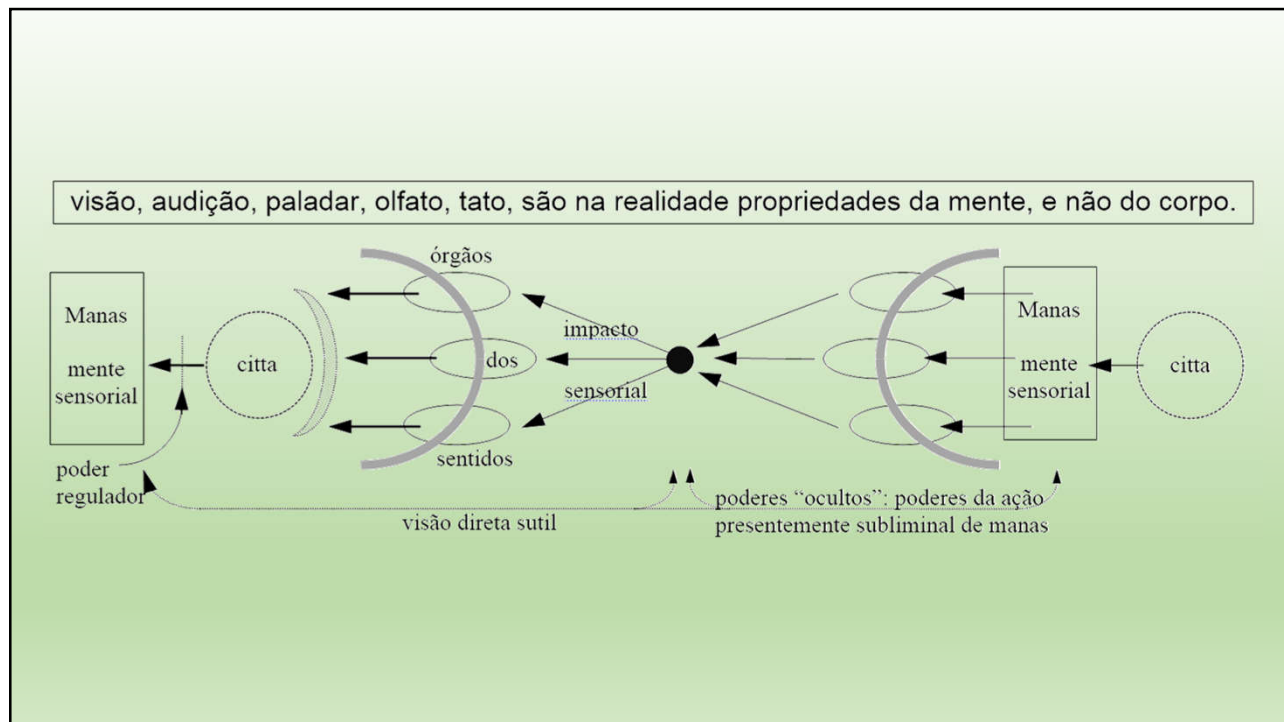
O que chamamos sentidos físicos tem um elemento duplo:
a impressão físico-nervosa do objeto
e o valor mental-nervoso que lhe atribuímos;
os dois juntos constituem nossa visão, audição, olfato, paladar, tato,
com toda a variedade de sensações de que eles,
e sobretudo o tato,
são o ponto de partida ou o primeiro agente de transmissão.

9

Mas o *manas* é capaz de receber impressões sensoriais
e obter resultados delas por uma transmissão direta
que não depende dos órgãos físicos.
Isso é mais claro nas criaturas inferiores.

O ser humano,
embora tenha, com efeito,
uma capacidade superior,
um poder de percepção direta
– o sexto sentido na mente –
deixou-a cair em estado jacente,
para confiar apenas em seus sentidos físicos
complementados pela atividade da *buddhi*.

10



Por conseguinte, manas é, antes de tudo,
um organizador da experiência sensorial;

além do mais,
ele organiza as reações naturais da vontade
na consciência encarnada
e usa o corpo como um instrumento,
isto é, servindo-se dos órgãos de ação, como em geral se diz.

Essa ação natural também tem um elemento duplo:
um impulso físico-nervoso e, por trás dele,
o poder de avaliação mental-nervoso
do impulso instintivo da vontade.

Esse elemento duplo constitui o núcleo das primeiras percepções e ações
e é comum a toda vida animal em desenvolvimento.

Além do mais,
há em *manas* ou mente sensorial,
um primeiro elemento de pensamento,
que resulta das operações da vida animal e as acompanha.
Assim como o corpo vivo tem uma ação de consciência, *citta*,
com certo poder de permear e possuir
e que serve para formar a mente sensorial,
do mesmo modo
a mente sensorial tem certo poder de permear e possuir,
que utiliza mentalmente os dados dos sentidos,
muda-os em percepções e em ideias primeiras,
associa as experiências a outras experiências
e, de um modo ou de outro,
pensa, sente e quer a partir dos sentidos.

13

Essa mente sensorial, cujo pensamento é baseado
nas sensações, na memória, nas associações, nas ideias primeiras
e nas generalizações resultantes ou ideias secundárias,
é comum a toda a vida e mentalidade animais desenvolvidas.

O ser humano, na verdade, a desenvolveu,
deu-lhe um alcance e complexidade imensos,
impossíveis para o animal, mas ainda assim, se parasse aí,
ele seria apenas um animal muito mais eficaz.

Ele excede o âmbito e a altura do animal
porque foi capaz, em maior ou menor amplitude,
de desprender e separar a ação de seu pensamento
daquela da mentalidade sensorial, de retirar-se dessa mentalidade,
de observar seus dados e de agir sobre ela do alto,
mediante sua inteligência separada e, em parte, livre.

14

A inteligência e a vontade do animal estão absorvidas na mente sensorial e, portanto, são governadas inteiramente por ela e levadas em suas correntes de sensações, de percepções sensoriais e impulsos: elas são instintivas.

O ser humano é capaz de se servir da razão e da vontade, de uma mente volitiva inteligente, que pensa, se observa e observa tudo, que não está mais envolvida na mente sensorial mas age do alto e por detrás, em seu direito próprio, com certa separatividade e liberdade.

Ele reflete e possui certa vontade inteligente que é relativamente livre.

Ele libertou a *buddhi* em si mesmo e fez dela um poder separado.

15

Mas o que é essa *buddhi*?

Do ponto de vista do conhecimento ióguico podemos dizer que é o instrumento da alma, do ser interior consciente na natureza, do *Purusha*, pelo qual a alma toma certa posse consciente e ordenada de si e de seu meio.

Por trás de toda atividade de *citta* e de *manas* há essa alma, esse *Purusha*;

mas nas formas inferiores da vida ela está em grande parte subconsciente, adormecida ou semidesperta, absorvida na ação mecânica da Natureza;

mas ela desperta cada vez mais, vem cada vez mais para a frente, à medida que se eleva na escala da vida.

16

Pela atividade da *buddhi* ela começa o processo do despertar completo.

Nas operações inferiores da mente,
a alma está submetida à Natureza,
em lugar de possuí-la;

pois aí ela é inteiramente escrava do mecanismo
que a levou a uma experiência consciente em um corpo.

Mas com a *buddhi*
chegamos a algo que ainda é um instrumento natural,
mediante o qual a Natureza parece ajudar
e guarnecer o *Purusha*
para compreendê-la,
possuí-la
e dominá-la.

17

Nem a compreensão,
nem a posse,
nem o domínio
podem ser completos,

seja porque a própria *buddhi* em nós está ainda incompleta,
apenas semidesenvolvida e semiformada,

seja porque é, em sua natureza,
apenas um instrumento intermediário,

e antes que possamos adquirir
um conhecimento e uma mestria completos
devemos nos elevar a algo maior que a *buddhi*.

18

Ainda assim,
 esse é um movimento que nos ensina
 que há em nós um poder maior que a vida animal,
 uma verdade maior que as primeiras verdades,
 as primeiras aparências da verdade
 percebidas pela mente sensorial,
 e podemos tentar alcançar essa verdade,
 esforçarmo-nos para conseguir
 um poder de ação e de mestria maior e mais eficaz,
 uma governança mais efetiva de nossa natureza
 e da natureza das coisas em torno a nós,
 um conhecimento, um poder, uma fruição
 mais altos e mais amplos,
 uma extensão mais elevada do ser.

19

Qual é então o objetivo final desse movimento?

Evidentemente, deve ser para que
 o *Purusha* alcance a verdade suprema e total de si e das coisas,
 a verdade maior da alma ou do self
 e a verdade maior da Natureza

e, depois, uma ação e um estado de ser
 que devem ser o resultado dessa Verdade
 ou idênticas a ela,
 que serão o poder desse conhecimento maior,
 a fruição desse ser maior
 e dessa consciência maior
 aos quais ele se abre.

Esse deve ser o resultado final da evolução do ser consciente na Natureza.

20

Então,
 alcançar a verdade total de nosso self ou Espírito
 e o conhecimento,
 a grandeza
 e a beatitude
 de nosso ser livre e completo,
 deve ser o objetivo da
 purificação, libertação e perfeição da *buddhi*.

Porém, segundo as concepções comuns,
 isso não significaria a posse completa da Natureza pelo *Purusha*,
 mas uma rejeição da Natureza.

Deveríamos chegar ao self pela remoção da ação da *Prakriti*.

21

Assim como a *buddhi*,
 ao compreender que a mente sensorial
 nos oferece apenas aparências
 que sujeitam a alma à Natureza,
 e descobre,
 detrás dessas aparências,
 verdades mais reais,

assim também a alma deve chegar a esse conhecimento -
 que a *buddhi* também, quando se volta para a Natureza,
 nos oferece apenas aparências
 que aumentam nossa sujeição.

A alma deve descobrir,
 por trás dessas aparências,
 a pura verdade do Self.

22

O Self é algo de todo diferente da Natureza
e a *buddhi* deve purificar-se de todo apego às coisas naturais
e de toda preocupação com elas;

só assim poderá discernir o Self puro ou Espírito
e separá-lo dos fenômenos da Natureza:

o conhecimento do Self puro ou Espírito é o único conhecimento real;
a Ananda do Self puro ou Espírito é a única alegria espiritual;
a consciência e o ser do Self puro ou Espírito são a única consciência
e o único ser reais.

A ação e a vontade devem cessar,
porque todas as ações são da Natureza;
a vontade de ser o Self puro ou Espírito
significa a cessação de toda vontade de agir.

23

Porém,
embora a posse do ser, da consciência, do deleite e do poder do Self
seja a condição da perfeição
– pois é só ao conhecer e possuir sua verdade própria e viver nela,
que a alma pode tornar-se livre e perfeita –

nós afirmamos que
a Natureza é uma ação e manifestação eternas do Espírito.

A Natureza não é uma armadilha diabólica,
um conjunto de aparências enganadoras
criadas pelo desejo, pelos sentidos, pela vida,
pela vontade e inteligência mentais;
esses fenômenos são sinais e indicações,
e por trás de todos eles
há uma verdade do Espírito que os excede e os utiliza.

24

Afirmamos que deve haver uma gnose e uma vontade espirituais inerentes,
pelas quais o Espírito secreto que está em tudo
conhece sua própria verdade, suas vontades,
e manifesta e governa seu ser na Natureza;

chegar a isso, comungar com isso, participar disso,
deve ser parte de nossa perfeição.

O objetivo da purificação da *buddhi* será então
realizar, ao mesmo tempo, a verdade de nosso ser essencial
e a suprema verdade de nosso ser na Natureza.

Para esse propósito, devemos, primeiro,
purificar a *buddhi* de tudo que a sujeita à mente sensorial
e, uma vez isso feito, purificá-la de suas próprias limitações
e converter sua inteligência e sua vontade inferiores
na ação superior de uma vontade e conhecimento espirituais.

25

O movimento da *buddhi* para exceder os limites da mente sensorial
é um esforço que já foi em parte realizado na evolução humana;
ele faz parte da operação normal da Natureza no ser humano.

A ação original da mente pensante,
da inteligência e da vontade no indivíduo
é uma ação subordinada.

Essa ação submete-se à evidência dos sentidos,
às ordens da avidez vital,
aos instintos e desejos,
às emoções e aos impulsos da mente sensorial dinâmica
e tenta simplesmente
dar-lhes uma direção mais ordenada
e um sucesso prático.

26

Mas o ser humano
cuja razão e inteligência
são conduzidas e dominadas pela mente inferior,
representa um tipo inferior da natureza humana,
e a parte de nosso ser consciente
que consente a essa dominação
é a parte mais baixa de nosso estado humano.

A ação superior da *buddhi* consiste em
exceder e controlar a mente inferior;
certamente não para se livrar dela,
mas para elevar toda a ação
da qual ela é um primeiro indício,
ao nível mais nobre da vontade e da inteligência.

27

As impressões da mente sensorial
são utilizadas por um pensamento que as excede
e alcançam verdades que essas impressões não fornecem:
verdades ideativas do pensamento
e verdades da filosofia e da ciência;

uma mente pensante, descobridora, filosófica,
que ultrapassa, retifica e domina
as primeiras impressões da mente sensorial.

A mentalidade impulsiva e reativa das sensações,
a avidez vital e a mente de desejo emocional
são tomadas pela vontade inteligente e ultrapassadas,
retificadas, dominadas por uma mente ética superior
que descobre, e lhes impõe,
a lei de um impulso justo, de um desejo justo, de uma emoção e ação justas.

28

A mentalidade receptora das sensações e seus prazeres grosseiros,
a mente emocional e a mente de vida
são tomadas pela inteligência e ultrapassadas, retificadas e dominadas
por uma mente estética mais profunda e mais feliz
que descobre e lhes impõe uma lei de deleite e de beleza verdadeiros.

Todas essas formações novas são utilizadas
por um Poder geral do indivíduo intelectual, pensante e volitivo,
em uma alma em que o intelecto, a imaginação, o julgamento, a memória,
a vontade, o discernimento da razão, os sentimentos elevados governam,
e que utiliza tudo isso para
conhecer-se, desenvolver-se, experienciar, descobrir, criar, efetuar;

uma alma que aspira, luta, eleva-se interiormente
e se empenha para mudar a vida da alma na Natureza em algo mais alto.

29

É por isso que Sri Aurobindo também disse que um duplo movimento é necessário:
com o esforço para o progresso e realização individual, deve haver um esforço para elevar
o todo, permitindo-lhe fazer o progresso indispensável que traria um maior progresso
do indivíduo - um progresso da massa que permite ao indivíduo dar um passo a mais.

E para isso eu acredito que é útil termos alguma meditação comum às vezes;
trabalhar pela criação de um ambiente comum um pouco mais organizado...

Assim, o melhor uso que se pode dar a essas meditações é ir
e encontrar no fundo da pessoa, até onde se pode entrar,
o lugar onde se pode sentir, perceber e talvez até criar uma atmosfera de unidade
na qual uma força de ordem e organização será capaz de colocar cada elemento em seu lugar
e trazer à tona um novo mundo coordenado, fora do caos que existe neste momento..

30

